ANA CLARA QUINCAS BORBA

GESIEL DE OLIVEIRA MONTEIRO

Gesiel de Oliveira Monteiro

Ana Clara Quincas Borba

2017

MACEIÓ

ANA CLARA

QUINCAS BORBA

“ANA CLARA QUINCAS BORBA”

Capítulos

01 - A saga de Clara.....10

02 - Ana, o pé de manga e o mistério da luz.....37

03 – Quincas Borba e o armário.....71

04 – Ana Clara e a casa da mãe Joana.....107

05 – Quincas Borba e a revelação.....147

06 – Quincas Borba, Daniel e a lua cheia.....162

07 – Daniel e os leões.....180

08 – A última folha.....192

09 – Despedida.....214

MACEIÓ

2017

GESIEL DE OLIVEIRA MONTEIRO

“ANA CLARA QUINCAS BORBA”

...naquela noite ela se lembrou de tudo e, enfim acreditou. Quando lhe contavam aquelas histórias fantásticas, sobre sua mãe e sua avó, sobre o que lhes aconteceu, de como nasceu sua mãe e, de como foi seu próprio nascimento, ela sorria. Dizia que estavam loucos e que todas aquelas invenções bem que dariam um livro. Ela zombava e depois ria. Mas, naquela noite fatídica, em que o pavor lhe sobreveio, ela se lembrou de tudo e, enfim acreditou.

ANA CLARA QUINCAS BORBA

Capitulo 1- A saga de Clara

Naquela noite quente de lua cheia, Clara dormia tranqüila, quase sem roupa (só de camisola) e de janela aberta. Seu quarto era o mais privilegiado do sobrado amarelo, pois, era em cima e com vista para a rua.

Desde pequena foi sempre mimada, enquanto os irmãos Carlos e Ronaldo dividiam um quarto e Sandra e Amélia dividiam outro, a menina tinha um só para ela. Os pais, Francisco e Sonia, um casal de advogados apesar do tamanho da família, não tinham grandes problemas financeiros. Tinham um escritório particular e clientes o suficiente para manter a casa muito bem. Carlos tinha 25 anos, Sandra 23, Amélia 21, Ronaldo 19 e, Clara, tinha quase 13 anos quando começou a sentir calafrios nas noites de lua cheia. Deitava, dormia bem, mas quando dava meia noite, sentia o corpo inteiro arrepiar e um vento gelado que lhe fazia doer até a alma.

Carlos trabalhava com os pais, Sandra de escriturária no banco central, Ronaldo era aprendiz de tipógrafo e Amélia cuidava da casa e da irmã

mais nova. Clara era uma menina meiga, forte, alegre, valente, curiosa e cheia de mistérios. Vivia se escondendo no bosque que ficava atrás da casa. Ia passear sozinha e sem avisar, ninguém sabia o que ela ia fazer lá, por mais que insistissem, ela desconversava, enrolava, e dizia que ia só caminhar. Seus pais morriam de medo e viviam pedindo para que ela não fosse ao bosque. Amélia implorava para que cessassem os passeios pois, não aguentava mais o medo e os sustos que levava quando ia procurá-la. Clara se escondia atrás de uma arvore e quando a irmã se aproximava, ela saltava em sua frente, dando um estridente urro, causando-lhe altas taquicardias. O bosque abrigava várias espécies de animais, entre eles, cobras, veados, tatus, lagartos, pássaros de vários tipos, etc.

Com exceção das cobras e de alguns outros animais peçonhentos, ela brincava com todos. A pequena ia se chegando, se chegando, e aos poucos ia fazendo amizade com os bichos, que gostavam das brincadeiras e das comidas que sempre ganhavam dela. A menina nunca teve problema com nenhum animal a não ser no dia em que viu um muito diferente de todos os que habitavam aquele lugar.

Capitulo 1- A saga de Clara

O bicho era muito grande, peludo, e uivava feito um lobo, só que muito mais alto. Clara pela primeira vez ficou com medo. O bicho chegou perto, arreganhou a boca, rosnou exibindo os enormes caninos e olhou-a com aqueles olhos vermelhos que fariam, de pavor, qualquer marmanjo molhar as calças. Ela não correu, não gritou e nem chorou. Ficou estática, retina á retina com a besta fera que uivou três vezes e foi embora como uma rajada de vento, sumindo entre as arvores. Foi a única vez que a garota voltou para a casa um tanto temerosa e um pouco ofegante. Amélia percebeu que a irmã estava diferente de todas as outras vezes. Nunca voltou do bosque daquele jeito.

- O que houve Clara? Esta pálida...

- Nada Amélia, estou só um pouco cansada. Voltei correndo depressa demais.

- Fala a verdade, eu te conheço muito bem e sei que tem alguma coisa errada.

- Não é nada Amélia, já falei. Deixa eu descansar um pouco por favor...

Capitulo 1- A saga de Clara

Clara subiu as escadas lentamente, como quem está sem forças, abriu a porta cinza, entrou no quarto azul claro, e deitou-se em sua aconchegante cama com colchão de molas e lençóis cor de rosa. Tentou dormir um pouco, mas não conseguiu; fechava os olhos e logo vinha a figura horripilante daquele bicho. -“Que animal seria aquele?” “De onde teria vindo aquela criatura tão grande?”

Abalada, encafifada, temerosa, curiosa e ansiosa, ela só pensava em voltar lá, mas não queria ir sozinha, queria uma companhia, alguém com quem pudesse compartilhar aquele momento e, que ao mesmo tempo a fizesse se sentir um pouco menos insegura. Aquilo não lhe saia da cabeça e, olhando pela janela, avistando do outro lado da rua a casa dos Quincas, lembrou-se de Flavinho, seu amigo, o único que podia acompanhá-la, que sempre esteve ao seu lado nas coisas boas e nas situações hostis. Sempre esteve com ela pro que desse e viesse. Menos para ir até aquele bosque, lá não queria nem pensar em entrar. Ela sabia que ele morria de medo do bosque, mas daquela vez era diferente, ele tinha que ir. -“É amigo ou não é?” Ou ia, ou rompiam pra

sempre. -“Ou é amigo ou não é!” Amanhã falo com ele, juntos temos que descobrir o que era aquilo.

No outro dia Clara tomou café com a família como fazia todas as manhãs e, para que ninguém a interrogasse e, somente por isso, controlou a ansiedade e esperou que todos saíssem, cada um pro seu canto. Disse a Amélia que ia até a casa de Flavinho visitá-lo e voltava logo. Disse e foi saindo, ignorando as considerações da irmã...
- Vê se não demora, você tem que me ajudar na lida.

- Tá, tá, tá!
- Vou marcar no relógio, você tem meia hora.
- Tá, tá, tá!

Ela atravessou a rua correndo, subiu como uma flecha o pequeno caminho de pedras que atravessa o gramado bem aparado e sem cercas do sobrado grande envernizado e com varanda azul claro. Apertou a campainha, bateu na porta, chamou gritando, apertou novamente a campainha e, quando ia bater na porta novamente, a empregada abriu e quase foi alvejada por um soco de Clara que perguntou ansiosa:

Capitulo 1- A saga de Clara

- Por favor, Flavinho está?

- Está no banho, quer entrar e esperar um pouco?

- Se não for incomodar?

- Entre por favor. Quer uma água ou um suco?

- Não quero nada, obrigada. Pode só avisá-lo que estou aqui?

- Pois não.

A empregada subiu, bateu levemente na porta do banheiro e avisou:

- Flavinho! Esta ai a menina Clara, te aguarda na sala de estar.

- Obrigado Ermínia, já estou indo.

Ermínia desceu e disse:

- Ele está terminando o banho e já vem.

Clara não conseguia conter sua ansiedade, andava de um lado para outro, olhava os quadros,

os lustres, contava os degraus da escada, os tacos, as listras pretas e marrons do sofá, os dedos das mãos, roia as unhas, até que:

- Pensei que não ia descer mais! Preciso falar urgente com você.

- Clara! Aconteceu alguma coisa de grave?

- Grave não, só estranha. Preciso da sua ajuda, podemos falar em algum lugar mais reservado?

- Claro, vamos até o jardim, ninguém vai nos incomodar lá.

Os dois saem pela porta de trás do lindo sobrado de madeira e caminham por entre camélias e margaridas, até se sentarem num balanço que fica entre um pé de laranja e outro de manga, do lado da fonte onde o menininho de pedra teima em mijar incessantemente.

- Ele não pode parar um pouco de fazer xixi?

- Meu pai não gosta que desligue a fonte.

Capitulo 1- A saga de Clara

- Você precisa me ajudar Flavinho, você é a única pessoa em quem posso confiar.

- O que foi que aconteceu Clara, conta logo!

- Ontem fui ao bosque como faço todos os dias...

- Não me venha com história de bosque que eu não quero nem ouvir.

- Por favor escute, é muito importante.

- Olha lá o que você vai dizer...

- Como eu estava dizendo: ontem fui ao bosque como faço todos os dias, brinquei com os tatus, voei com as borboletas, corri com os veados, bebi água da bica e, quando já estava quase voltando pra casa, senti um calafrio...

- Pode parar, não quero nem saber do resto.

- Deixe de ser covarde, me escute até o fim por favor.

- O que é que você está querendo de mim?

- Por favor Flavinho, me escute. Quando estava quase voltando pra casa, senti um calafrio, me virei novamente em direção ao riacho e vi em cima de uma pedra um bicho estranho.

- Como assim?

- Um bicho estranho, grande, peludo, uivava feito lobo, mas não era lobo, tenho certeza?

- Como assim, tenho certeza? Se não era lobo, o que era então?

- É isso que eu quero descobrir? Por isso quero que vá comigo, não quero ir sozinha.

- Você esta maluca? Não há nada no mundo que me faça ir até lá.

- Você é homem ou não é?

- Sou adolescente e quero chegar a ser jovem. Não vou de jeito nenhum. O que é que nós vamos fazer lá? E se for um animal perigoso, devorador, o que é que nós vamos fazer? Não podemos fazer nada. Se você quer ajuda é melhor chamar a policia, falar com

seus pais, sei lá, só sei que nós dois sozinhos não podemos resolver isso.

- Que policia! Está louco? Meus pais?! Se eu contar pra eles, o que é que eles vão dizer? Vão dizer, aí sim, que estou louca. Você vai comigo e pronto.

- Você está querendo nos matar!?

- Escute! No dia em que vi o animal, ele me encarou, rosnou, uivou e foi embora. Se quisesse me fazer algum mal, teria me feito. Eu sei que não vai acontecer nada, só preciso de uma companhia, a gente vai ficar bem longe do riacho.

- Por favor, me deixe fora dessa!

- Hoje as três da tarde passo aqui, esteja pronto e não me decepcione por favor.

- Mas Clara... (choramingando)

- Ás três da tarde. (ignorando o choramingo)

Ás três da tarde em ponto Clara estava lá. Flavinho já a esperava na varanda.

Capitulo 1- A saga de Clara

- Vamos Flavinho?!

- Não é melhor deixar isso pra lá?

- Deixa de ser medroso! Não vai acontecer nada. Vamos lá!

Ela pegou-o pela mão, atravessaram de volta a rua, passaram pelo lado do sobrado amarelo, desceram pela vereda, entre galhos, arvores secas, brotos de pinheiro e, foram até o bosque de vegetação fechada e sombria. Flavinho tremia como vara verde e, Clara zombando, vira e mexe dava um susto:

-<<Búúúú!>>

- Pare com isso ou volto daqui mesmo.

- É só brincadeira, relaxe, já estamos chegando. Eu estava por aqui, perto dessa imburana, quando senti um calafrio, me virei e, vi a “fera”!

- Precisa falar desse jeito?

Capitulo 1- A saga de Clara

- Fique atrás de mim, vamos esperar um pouco. Esta com sede? Se estiver podemos ir até a bica tomar água fresca.

- De jeito nenhum, vamos esperar aqui mesmo e se demorar muito, vamos embora. Já pensou se for um Lobisomem?

- Que Lobisomem menino, nunca ouviu falar que Lobisomem só aparece á noite, nas noites de lua cheia?

- E se for um diferente?

- Deixe de bobeira! Escute... Alguma coisa esta se mexendo em cima daquele barranco na beira do riacho. Quieto... silêncio...

- Acho melhor a gente correr!

- Psiu! (sussurrando) Olhe lá, é ele. Não adianta querer correr agora, se ele quiser em um segundo chega até aqui.

Dito e feito, com três pulos o animal chegou perto da imburana, parou, olhou a menina, rosnou, fitou-a com seus olhos vermelhos, arreganhou a

boca exibindo os caninos, uivou três vezes e foi embora como um raio. Flavinho, nem se quisesse conseguiria correr, estava paralisado e todo mijado.

- Você viu?

- (com voz completamente trêmula e sussurrando) Claro que vi, vamos embora daqui pelo amor de Deus!

Ela pegou-o pelo braço e ajudou-o a voltar, caminhando lentamente vereda acima, até que, já perto do sobrado amarelo, sentaram-se para descansar um pouco

- Não disse que não ia acontecer nada?

- Ele podia ter nos comido com apenas uma bocada.

- Mas não comeu. Deixe de exagero menino! Você viu os olhos dele?

- Aquilo era um Lobisomem. Só pode ser!

- Você acha? Eu acho que era um lobo. Eu nunca vi lobo por aqui, principalmente daquele tamanho, mas só podia ser lobo.